

## **A clínica e o desejo.**

Trabalhei, por alguns anos, na função de médico clínico, num hospital geral. Era janeiro de 2006, quando recebi a solicitação de um parecer clínico sobre uma paciente que se encontrava internada no referido Hospital, numa enfermaria. Solicitava-me o parecer um colega cirurgião. Para atender aos pedidos de pareceres, costumava, por método, ver previamente os prontuários desses pacientes para saber do que se tratava, qual dúvida o colega gostaria de esclarecer através de meu parecer clínico.

Nessa ocasião, conforme relatado, tratava-se de uma mulher de 35 anos que dera entrada no dia anterior, com quadro de desmaio seguido de coma. No seu prontuário já constavam resultados de exames laboratoriais de sangue e líquido com resultados normais. Sua tomografia de crânio mostrava ausência de alterações. Durante o exame da paciente, eu perguntei à mãe, que a acompanhava e encontrava-se sentada ao lado do leito, sobre antecedentes mórbidos da paciente. Ela me disse ser a filha muito nervosa, mas não havia outras doenças. Ao exame físico, a moça não apresentava resposta a estímulos verbais e algícos. Apresentava ausência de resposta a reflexos superficiais e profundos; pupilas iguais, com reflexo fotomotor presente; ausência de sinais meníngeos.

Após o exame, expliquei à mãe que seria passado um cateter nasogástrico para que a paciente pudesse receber alimentação. Então, a mãe me disse: “Mas ela está comendo. Ontem no almoço só consegui dar duas colheradas, mas à noite ela comeu todo o mingau”. Perguntei-lhe: “como a senhora conseguiu dar?” A mãe explica como procede para alimentar a filha que até então se considerava em coma: “Eu levanto a cabeça com uma mão e vou colocando a comida na boca, ela vai engolindo. O que o senhor acha que ela tem?” Respondi: “Não sei. Só sei que coma não é”.

Um esclarecimento: qualquer paciente que esteja em coma não tem nenhuma capacidade de deglutir. E a minha curta conversa com a mãe deu-se ao lado do leito, diante da paciente.

No dia seguinte, ao retornar para a reavaliação, a mãe disse que, no dia anterior, após a minha saída, aos poucos a filha começou a se mobilizar, abriu os olhos e abraçou-a, chorando por algum tempo.

Essa reação da paciente não foi sem efeito. Inicialmente me surpreendeu. Nada foi prescrito, nada foi feito. Seguido por uma interrogação para além da experiência médica ...

para o sujeito que fala. Um sentimento de que havia um saber, silencioso, ali, onde nada foi oferecido e que, nesse vazio, algo poderia ser alojado. Um “nada” foi prescrito.

Para a paciente, o oferecimento desse “nada ...não sei...” seguido de um “...só sei que coma não é”, pôde articular uma demanda de saber, ao solicitar-me acompanhamento, por ocasião da alta hospitalar.

Nessa abordagem temática, a expressão desejo do psicanalista teve sua primeira aparição no ensino de Lacan no *Seminário 6*, dedicado ao desejo e sua interpretação. Tal referência surge em uma situação de ensino na qual Lacan põe, frente a frente, o desejo como desejo do Outro e o desejo do psicanalista, num contexto teórico e clínico em que buscava resposta para o fundamento da posição do psicanalista.

Nas palavras de Lacan, o problema da análise reside na situação paradoxal em que se encontra o desejo do Outro que o sujeito haverá de reencontrar, nosso desejo, por demais presente no que o sujeito supõe que o demandamos. E essa situação, segundo ele, só pode ser sustentada por meio da manutenção de um artifício que faz parte de toda a regra analítica. Conforme Lacan, essencial da análise dessa situação em que nos encontramos é ser o analista aquele que se oferece como suporte para todas as demandas e que não responde a nenhuma. E acrescenta que tem também um papel essencial, aquilo que se reproduz ao final de cada sessão, ou seja, esse vazio a que nosso desejo tem de se limitar, esse lugar que deixamos para o desejo analisante para que ele ali se situe.

Na sequência desse Seminário, Lacan lembra a existência de um fator que jamais deve ser desconsiderado pelos psicanalistas: a essência vazia do desejo que supõe que o psicanalista nada deve desejar para o analisante, não impondo assim a este qualquer ideal de vida, de cura ou mesmo de normalidade subjetiva. Assim procedendo, contendo a influência sugestiva de seus próprios ideais na condução do processo analítico, o psicanalista deixa o campo livre, porque vazio de respostas às demandas, para o desejo do analisante deslizar pela cadeia significativa sob a qual corre o desejo. Por isso, Lacan assinala para algo além do desejo do Outro, para a vacuidade constitutiva do desejo como a verdadeira mola ética que sustenta a regra fundamental da psicanálise e que move o processo psicanalítico.

Para Lacan, a psicanálise é o tratamento que se espera de um psicanalista, marcando a concepção da psicanálise como estrutura, a do tratamento analítico. Podemos depreender que o desejo do analista é o que vetoriza a análise. No Seminário *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan diz que “o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o

significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele”. (Lacan, 1998, p.260)

Na “*Carta aos Italianos*”, Lacan diz: “O analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas que deve levar em conta o saber no real”. A análise depende disso, mas não basta! “Seria preciso que a isso se juntasse o clamor de uma pretensa humanidade, para quem o saber não é feito, já que ela não o deseja. Só existe analista se esse desejo lhe advier, que já por isso ele seja rebotalho da dita humanidade”.

O desejo do analista é um desejo advertido, inédito. Que pode surgir no processo da análise e não sem ela. Essa travessia não se dá sem o encontro com o Real, sem pontos de impasse; mas, espera-se o passe. C.Soler, em “Desejo no singular, desejos no plural”, diz “o desejo é engendrado a partir da falta ... é um vetor infinito em razão de sua causa que não cessa de faltar” (Soler, 2014, p.13). O desejo do analista é a marca da falta, de esvaziamento do gozo. Poder operar através da falta permite encontro com o Real, com possibilidade de alojar um saber.

Luiz Carlos Soares Monteiro-Membro da EPFCL-Rede Diagonal Brasil- Petrópolis

#### Referências bibliográficas:

LACAN, J.: *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação/Jacques Lacan*; RJ, JZE, 2016.

LACAN, J.: *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, RJ, JZE, 1998.

LACAN, J.: *Nota Italiana Outros Escritos*, RJ, JZE, 2003.

SOLER, C.: *Desejo no singular, desejos no plural, Stylus*, n.28, RJ, AFCL, 2014